



Masculinidade e pentecostalismo como tecnologia neoliberal

Jacqueline Moraes Teixeira¹

Resumo: A proposta central deste artigo é pensar algumas imagens essenciais que emergem da intersecção entre racionalidade neoliberal, identidade de gênero e pertencimento religioso que aparece nos discursos sobre masculinidades em dois movimentos distintos, porém, com dinâmicas complementares desenvolvidos pela IURD. No primeiro caso, irei falar sobre a noção de masculinidade trabalhada no contexto do projeto Intellimen, no segundo caso, abordarei os relatos de ex-bispos e pastores que passaram pela vasectomia e como o princípio da esterilização masculina coloca em exercício uma noção de governo que precisa operar o sucesso da nação mediante seu controle populacional. Assim, pretendo pensar a racionalidade neoliberal como uma performatividade, modos de agir que dependem do modo como um determinado corpo é lido num espaço de interação social, o que nos permite pensar quais são as dinâmicas de exterioridades e qual é o sujeito que emerge da cena neoliberal a partir do contexto das margens.

Palavras-chave: masculinidade; pentecostalismo; razão neoliberal; performtividade; corpo.

Masculinities and pentecostalism as a neoliberal technology

Abstract: *The central proposal of this paper is to think about some essential images that emerge from the intersection between neoliberal rationality, gender identity*

¹ Departamento de Sociologia da UnB e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB (PPGSOL) – Brasília – Brasil - jacqueline.teixeira@unb.br - <https://orcid.org/0000-0001-9884-353X>

and religious belonging that appears in the discourses on masculinities in two different movements, however, with complementary dynamics developed by the UCKG. In the first case, I will talk about the notion of masculinity worked in the context of the Intellimen project, in the second case, I will address the reports of former bishops and pastors who underwent vasectomy and how the principle of male sterilization puts into practice a notion of government that needs operate the nation's success through its population control. Thus, I intend to think of neoliberal rationality as a performativity, ways of acting that depend on the way a particular body is read in a space of social interaction, which allows us to think about the dynamics of exteriorities and what the subject is that emerges from the scene. neoliberalism from the context of the margins.

Keywords: *masculinity; Pentecostalism; neoliberal reason; performativity; body.*

Masculinidad y pentecostalismo como tecnología neoliberal

Resumen: La propuesta central de este artículo es pensar algunas imágenes esenciales que emergen del cruce entre la racionalidad neoliberal, la identidad de género y la pertenencia religiosa que aparece en los discursos sobre las masculinidades en dos movimientos distintos, pero con dinámicas complementarias desarrolladas por la UCKG. En el primer caso, hablaré sobre la noción de masculinidad trabajada en el contexto del proyecto Intellimen, en el segundo caso, abordaré los relatos de ex obispos y pastores que se sometieron a la vasectomía y cómo se pone en práctica el principio de la esterilización masculina. una noción de gobierno que necesita operar el éxito de la nación a través de su control de la población. Así, pretendo pensar la racionalidad neoliberal como una performatividad, formas de actuar que dependen de la forma en que se lee un determinado cuerpo en un espacio de interacción social, lo que permite pensar la dinámica de las exterioridades y cuál es el sujeto que emerge. desde la escena neoliberalismo desde el contexto de los márgenes.

Palabras-clave: masculinidad; pentecostalismo; razón neoliberal; performance; cuerpo.

Em julho de 2018, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) inaugurou em sua sede, na cidade do Rio de Janeiro, o projeto “Universal nas forças policiais”(UFP). Trata-se de um grupo coordenado em contexto nacional por um pastor que possui formação militar e que já atuava como capelão da polícia

militar em várias regiões do país. A inauguração ocorreu no Centro Cultural de Jerusalém (CCJ), com isso, a exposição de indumentárias militares se misturaram com a circulação de símbolos judaicos, com a réplica da cidade de Jerusalém nos tempos bíblicos e com a bandeira do Estado de Israel. Apesar de o objetivo do projeto ser oferecer assistência psicológica e espiritual a policiais militares e civis, o que me chamou a atenção foram as fotos que retrataram a inauguração. Nelas, alguns homens apareciam fardados em posição de saudação, que era alterada por uma performance corporal capaz de dar carne ao dizer que era repetido com fervor: “aqui estão os homens que lutam pelo sucesso da nação”.

Desde sua fundação, o UFP atua fundamentalmente na realização de palestras que falam sobre ética e sobre valores masculinos que precisam ser preservados. Essa linguagem aparece com força nos cursos para a formação de pessoas voluntárias para atuar no projeto. O trabalho de voluntariado também pode ser exercido por mulheres que atuam diretamente com mulheres que atuam em contextos militares, mas é majoritariamente estruturado por homens e para homens.

Neste artigo, não pretendo adentrar nos detalhes do UFP, nem mesmo pensar os atravessamentos entre religião e segurança pública. Desejo, no entanto, fazer uso da frase que foi entoada, ainda em 2018, no evento de inauguração do projeto e que fala sobre homens, sobre poder e sobre nação, para pensar algumas imagens essenciais que emergem da intersecção entre racionalidade neoliberal, identidade de gênero e pertencimento religioso que aparece nos discursos sobre masculinidades em dois movimentos distintos, porém, com dinâmicas complementares desenvolvidos pela IURD.

No primeiro caso, irei falar sobre a noção de masculinidade trabalhada no contexto do projeto *Intellimen*; no segundo caso, abordarei os relatos de ex-bispos e pastores que passaram pela vasectomia e como o princípio da esterilização masculina coloca em exercício uma noção de governo que precisa operar o sucesso da nação mediante seu controle populacional (Teixeira, 2018). Por fim, pretendo pensar a racionalidade neoliberal como uma performatividade (Butler, 2018), modos de agir que dependem do modo como um determinado corpo é lido num espaço de interação social, o que nos permite pensar quais são as dinâmicas de exterioridades e qual é o sujeito que emerge da cena neoliberal a partir do contexto das margens (Cortês, 2021).

A noção de racionalidade neoliberal se baseia no modo como Dardot e Laval (2016) entendem o neoliberalismo. Para os autores, o neoliberalismo é muito mais do que demandas do campo econômico ou financeiro; trata-se, antes de tudo, de uma racionalidade política que converte os princípios gerais da lógica do capitalismo mais contemporâneo, em senso prático e regimes de condutas,

algo que se constitui a partir da formação de um processo de subjetivação capitalista, pautadas num aparato justificativo que estimula a formação de um sujeito reflexivo.

Um olhar para o neoliberalismo como uma racionalidade política nos coloca a necessidade de pensar o uso constante de situações de instabilidade, que trazem a todo o momento a sensação de crise (Dardot e Laval, 2016), algo que desde o final do século XX mobiliza e alimenta a gramática neoliberal. Nesse sentido, as pedagogias de condutas se tornam centrais; no campo das disputas de poder, o sujeito é constituído mediante a sensação de gerir as crises do mundo.

O conceito de crise também é central na gramática pentecostal. A conversão seria fruto de uma crise de ordem existencial que é seguida de inúmeras crises que exigem um controle a despeito da adversidade. As igrejas e demais espaços confessionais constituem um lugar de produção das pedagogias de condutas (Teixeira, 2018) – pedagogias atravessadas pelo aprendizado de gênero.

Mafra (2012), ao falar sobre a importância da definição dos sentidos para gênero entre pessoas que frequentavam diferentes denominações evangélicas de tradição pentecostal, traz um elemento que nos ajuda a pensar essa relação entre pentecostalismo, crise e gestão das condutas. No texto, a autora apresenta as histórias de Inácia e Magnair, um casal pentecostal que performa o que a autora chama de “amor pentecostal”. Após uma trajetória de sofrimento e de situações repetitivas de violência, o casal reconhece que venceu na vida (algo que está relacionado a um senso de ter conseguido acessar um estado de bem-estar social, que se relaciona a uma concepção de crise atrelada às noções de sofrimento e sacrifício). Na retórica de ambos, uma vida baseada no aprendizado dos papéis que homens e mulheres devem desenvolver no mundo teria sido o elemento dominante que garantia a referida vitória. Mafra (2012) se refere a uma relação metonímica o modo como o casal metamorfoseia a completude de papéis de gênero na construção do sucesso, que, ao mesmo tempo em que é individualizado, é também coletivizado na medida em que garante o sucesso da nação.

Assim, a proposta deste texto é entender como o pentecostalismo se insere enquanto uma tecnologia produtora de racionalidades políticas à medida que se reveste de pedagogias fazedoras de gênero.

Passo a descrever agora duas formas narrativas que podem ser entendidas como pedagogias de gênero. No primeiro caso, apresento as diretrizes do primeiro projeto voltado para discutir masculinidades no âmbito da IURD, e discuto o modo como o sucesso individual da performance de homem inteligente aparece como diretriz basilar na produção de uma nação próspera. Num segundo movimento analítico, apresento as narrativas de homens que passaram pela

vasectomia enquanto exerciam atividades de liderança dentro da IURD, entendendo como vasectomizar os homens se insere num conjunto de argumentos que levam à prosperidade da nação, colocando a força produtiva da masculinidade como uma força que não reproduz. A narrativa dos homens que passaram pela vasectomia e que decidem processar a IURD por danos trabalhistas nos permite pensar outros modelos de reprodução a partir das relações entre corpo e trabalho, e do modo como o sacerdócio interpela vários desses sentidos.

Não se nasce homem, torna-se!

Em junho de 2013, enquanto ocorriam as manifestações nas ruas das grandes cidades do país, no contexto da IURD já circulavam um conjunto de propagandas enigmáticas, um braço masculino com punho fechado, três silhuetas masculinas alinhadas lado a lado, a sombra de sapatos que lembravam botas e calçados militares, tudo acompanhado da promessa de que a vida em breve lançaria um programa que mudaria a vida dos homens dentro e fora da igreja. Em dezembro daquele mesmo ano, o programa *Intellimen* foi lançado sob a coordenação do Bispo Renato Cardoso, bispo e atual líder nacional da IURD, que juntamente com sua esposa Cristiane Cardoso (que é filha de Edir Macedo e sobre quem falei em trabalhos anteriores)² fundou o Programa *The Love School*, que se tornou um programa de televisão exibido aos sábados pela Rede Record de televisão.

Tendo sido lançado na cidade de São Paulo poucos meses antes da inauguração do Templo de Salomão, o *Intellimen* é o único dos projetos de educação binária de gênero desenvolvidos pela IURD, que desde sempre considerou o espaço do Templo como equipamento de realização das palestras e atividades, isso porque nas primeiras semanas de funcionamento do Templo ocorreu uma reunião do *Intellimen* que reuniu cerca de dez mil homens. A linguagem gestora do *Intellimen* se constitui por meio da produção das grandes reuniões e do cumprimento de seus 55 desafios³.

Além das inúmeras atividades praticadas em eventos temáticos, outra linguagem que é acionada é a produção pedagógica do Programa *Intellimen*, que também consiste num calendário de desafios semanais destinados a homens que desejam ingressar no movimento. Os desafios são tarefas guiadas por metas que devem ser cumpridas e divulgadas em redes sociais. Com o início da publicização dos desafios, em 2015, o Facebook era a principal rede, porém, nos últimos anos foi perdendo espaço para as interações via Twitter, *Instagram*, *Telegram* e *WhatsApp*.

2 Ver Teixeira, 2012 e 2016

3 <https://blogs.universal.org/renatocardoso/2013/12/07/desafio-intellimen-50/>

Com o *slogan* de formar homens melhores, o *Intellimen* emerge se colocando o desafio primeiro de ensinar pessoas do sexo masculino a se tornarem homens. Nas palavras do Bispo Renato Cardoso:

O que é o projeto *Intellimen*? Nossa ideia é transformar o homem por meio de desafios semanais. São os desafios que vão transformar você num homem [...] mas você não pode fazer sozinho, tem que fazer em parceria com outro homem, alguém que esteja tão comprometido quanto você a trabalhar pela mudança, ninguém se torna o que é sozinho.

Um princípio que fundamenta o projeto é que para ingressar no programa é necessário apresentar um outro homem como parceiro. Esse princípio é levado como regra inegociável. Na página inicial do *site*, Renato Cardoso escreve: “se você não tem ninguém em quem possa confiar, essa é a primeira transformação que você precisa buscar:

Escolha um amigo próximo de você para fazerem essa atividade. Não é seu Parceiro Oficial, mas deve ser alguém cuja amizade você valorize.

Procure manter esse costume de saírem periodicamente, pelo menos a cada um ou dois meses no mínimo. É bom ter um amigo que seja uma influência positiva em sua vida.

Caderno de Notas: Depois de saírem juntos, escreva seus pensamentos sobre como foi sua experiência

Parceiro Oficial: Concordem sobre o que irão fazer e quando.

Prazo: Este desafio pode ser iniciado imediatamente e concluído dentro de um mês desta data.

Postar: Depois — e somente depois — de você ter concluído este desafio, poste seus comentários — no Facebook do IntelliMen (não no seu pessoal) ou no Twitter, com este cabeçalho:

Desafio IntelliMen #50 concluído: Fiz o meu “Boys’ Time out” (Acréscete qualquer outro comentário a respeito.)

Links:

www.facebook.com/IntelliMen

www.twitter.com/intellimen27 (quando postar no Twitter, use @IntelliMen27 na sua mensagem)

Checklist de verificação

- *Saí com o meu parceiro ou amigo*

- *Anotei minhas reflexões em meu Caderno de Notas*
- *Postei meus comentários no Facebook/Twitter⁴*

O programa *Intellimen* estabelece o princípio da interação como uma necessidade no processo de aprendizado da masculinidade proposta. Antes da pandemia, nas reuniões presenciais que ocorriam no Templo de Salomão, os participantes eram motivados a posarem todos juntos repetindo a imagem do Projeto, que é fechar um dos punhos e direcionar para a frente do corpo, como se estivesse ensaiando um golpe de alguma luta. Durante as incursões etnográficas que realizei para desenvolver a pesquisa de doutorado, caminhar pelo jardim do Templo e observar essa performance aos sábados pela manhã tornou-se uma estratégia para conversar com alguns participantes. Meu olhar para os homens frequentadores do *Intellimen* se deu no intuito de pensar como os sentidos das performances de gênero se davam dentro de um jogo relacional, de modo que as imagens e performances do *Intellimen* se davam numa relação de oposição e complementaridade com as imagens desenvolvidas no contexto do projeto Godllywood (Teixeira, 2016; 2018). No projeto Godllywood, as imagens e o reconhecimento público da participação das mulheres também exigiam uma postura de corpo e uma configuração nas mãos, corpos estavam sempre posicionados de perfil enquanto uma das mãos ficava com sua superfície encostada abaixo do queixo e mandíbula, representando ternura, tudo acompanhado de cores leves e muito rosa. No caso do *Intellimen*, se os punhos fechados remetem à força, a cor escolhida para os uniformes e materiais é a cor preta.

Robson e Ailton⁵, moradores da região do bairro de Capão Redondo na cidade de São Paulo, frequentam a IURD há algum tempo, 2 anos, no caso de Robson, e 12 anos, no caso de Ailton, que atua como pastor auxiliar. Ambos são amigos e decidiram que seriam parceiros na realização dos desafios do programa *Intellimen*. Ailton relata que, por ser filho de nordestinos, sempre foi muito orgulhoso, de querer resolver tudo sozinho, e que ele tem aprendido que homem também precisa de ajuda, que isso não é sinal de fraqueza. Robson, que é mais jovem que Ailton, oito anos, diz que descobriu um grande amigo; com os desafios ele aprende a se disciplinar, a usar melhor seu tempo, e aprende que pode confiar em alguém.

O *Intellimen* permite praticar uma masculinidade que precisa ser performatizada continuamente em situações de interação, primeiro com o parceiro

4 <https://sites.universal.org/intellimen/manifesto>

5 Os nomes de todos os interlocutores de pesquisa são fictícios, para preservar a identidade de todos os participantes da pesquisa

de desafios, e, em seguida, na publicação nas redes sociais. Nas palavras de Renato Cardoso:

*“Este é um projeto para homens de 8 a 88 anos de idade
O que é o Projeto Intellimen? Eu gastei um ano, o ano de 2013 todo para pensar
quais seriam as ferramentas para fazer de um homem alguém mais forte, pas-
sei muitos sábados pedindo a direção de Deus para pensar desafios semanais
que ajudassem os homens a se tornarem homens, e assim, alcançarem a vida
em abundância. Nós temos desafios que ajudam a vida econômica, espiritual,
emocional e até desafios que afetam a saúde dos homens, temos um homem
que começou os desafios e já emagreceu 20 quilos, nós queremos fazer homens
inteligentes”⁶*

Desde de 2015, há um manifesto que deve ser lido e assinado por todos aqueles que desejam iniciar as atividades. No manifesto, lê-se:

*“Antigamente era bem fácil ser homem, bastava saber lutar e caçar, esse era
basicamente o atributo exigido para o casamento, hoje as mulheres têm uma
lista de atributos que esperam encontrar no homem com quem irão se casar.
Ser homem no século XIX é outra história, o mundo mudou, as mulheres mu-
daram. O resultado de tudo isso está aí para ser assistido em 3D: homens Des-
locados, Descreditados e Despreparados. [...] formar homens melhores será
nosso lema, ser homens inteligentes será nossa missão!”⁷*

-Atualmente, o projeto tem 55 desafios, a sazonalidade e a periodicidade das etapas cumpridas é controlada pelos participantes, que, após se inscreverem em uma conta no *site* oficial do Programa (e cadastrarem um parceiro), vão avançando cada desafio, relatando o tempo que foi levado para a realização de cada um. O que se espera é que cada desafio seja realizado semanalmente, da mesma forma como ocorre no *Godllywood* que iniciou a dinâmica dos desafios semanais e das postagens nas redes sociais. No *Intellimen*, a dupla deve compartilhar imagens do desafio nas redes sociais. Assim, o uso das redes sociais é um quesito fundamental, por esse motivo se realiza com certa frequência cursos para que os participantes do programa tenham noções de *internet* e consigam navegar em suas contas e compartilhar suas imagens.

A dinâmica de uso das redes sociais ocorre numa espécie de regulação entre o material que se produz e o tipo de configuração de comunicação utilizado em

6 <http://blogs.universal.org/renatocardoso/blog/intellimen/>

7 <http://blogs.universal.org/renatocardoso/wp-content/uploads/2013/01/IntelliMen-Manifesto1.pdf>

cada canal. O Facebook pode ser considerado o mais flexível, dele sendo possível estabelecer conexão com o Twitter (que é usado para registrar e ampliar pequenas frases postadas no blogue de Cristiane Cardoso). O movimento de ampliação desses breves discursos decorre do uso incansável de *hashtags*, como *#euacreditointellimen*, *#desafiointellimeneufiz*. Outro mecanismo muitíssimo utilizado que produz suas ressonâncias entre as pessoas conectadas ao Facebook é o Instagram, adotado para o compartilhamento de fotos e vídeos.

Essa lógica de um cotidiano que vai sendo mostrado e, conseqüentemente, regulado por tecnologias de exterioridade permite apostar que o movimento dessa rede de práticas não se inscreve no ato de fazer o desafio, mas, sim, na produção e no uso de tecnologias para fazer ver o desafio. Assim, a linguagem do desafio dos programas *Godllywood* e *Intellimen* não se estabelece apenas no tempo em que a tarefa é praticada, mas, fundamentalmente, na temporalidade que ela permite na medida em que vai sendo publicizada.

O exercício prático de relacionar tecnologias de aparição e adesão aos programas *Godllywood* e *Intellimen* nos permite pensar a confissão e o testemunho de si – tecnologias cristãs que foram extensamente trabalhadas por Foucault em sua análise genealógica acerca da constituição dos sujeitos reflexivos –, baseados em uma noção de consciência de si que é produzida mediante a operações de exterioridade.

A interação dos *desafios* do *Intellimen* com as redes sociais dá um novo estatuto prático à tecnologia da confissão, isso porque, nesse caso, seu princípio técnico fundamental deixa de ser o segredo e internalização, e passa a ser a publicidade e a exterioridade. Ao traduzir exterioridade, a tecnologia da confissão, reservada à cena do confessorário católico, da relação exclusiva com um sacerdote, do segredo não revelado sob juramento divino, passa a ser exercitada sob a gramática de outra tecnologia cristã, o testemunho de si.

O testemunho de si certamente é uma tecnologia mais praticada entre as denominações cristãs de tradição protestante. Trata-se de um relato de vida cujo recorte temporal escolhido pelo relator costuma ser sua experiência cristã de conversão. Se relacionarmos a prática do testemunho de si aos comícios públicos de profissão de fé, como relata Agamben (2008, é possível sugerir que a tecnologia do testemunho de si tem sua assinatura histórica nas performances públicas para profissão de fé, quando cristãos precisavam treinar um discurso público de sua crença (Agamben, 2008).

Considerando as diferenças nas operações entre as duas tecnologias, porque ambas tinham funcionalidades distintas, a confissão consistia numa ação discursiva de recuperação de uma temporalidade vivida, e profissão de fé, tinha

um caráter mais técnico, pois seu objetivo era dar visibilidade a determinados dogmas teológicos. Infelizmente, não será possível neste trabalho, recuperar um exercício genealógico que permita compreender o processo histórico de produção de uma fala sobre o cotidiano operada pela tecnologia do testemunho de si, ou seja, por uma gramática e locutória que precisa ser pública. A proposta consiste, apenas, em aproveitar tais exemplos históricos para pensar que esse exercício de exterioridade praticado, à medida que se compartilha os desafios nas redes sociais, opera a confissão também como um exercício de exterioridade que é praticado pelo testemunho de si.

Os filhos dos homens

No escopo dessa economia de práticas pastorais voltadas para a construção do sujeito da prosperidade, tecnologias de controle emergem enquanto linguagens para o governo de si e o governo da população. A fala reguladora acerca das relações sexuais, da reprodução humana e da afetividade funcionam como modos de produção de sentidos e de novas ações. No volume I de *História da Sexualidade* (1988), Foucault justifica que seu objetivo ao propor um exercício genealógico sobre a sexualidade não consiste em apresentar uma história linear das práticas sexuais no ocidente, mas, sim, de propor como desafio analítico entender o que o dispositivo da sexualidade faz fazer. Para o autor, pensar tecnologias de regulação das condutas sexuais como repressão acaba suscitando uma análise paralisante das relações sociais; seu argumento é que a repressão, a censura e a regulação das condutas acabam por produzir o que ele denomina de eficácia produtiva (Foucault, 1988: 28). A concepção foucaultiana de eficácia produtiva coloca a sanção e a regra não como verdades paralisantes que necessariamente são cumpridas, mas como princípios que, ao serem acionados pelos sujeitos na ação, produzem inúmeras materialidades, suscitando novas formas de ação. Assim, por esse mecanismo é possível pensar, inclusive, as ações de resistência.

Partindo dessa perspectiva foucaultiana, passo a descrever o modo como a linguagem gestora da política da prosperidade produz uma economia que pensa população como um aglomerado de famílias cuja vida depende da capacidade de controle da própria sexualidade e, conseqüentemente, da sua extensão familiar. Essa regulação é pensada a partir da constituição de modelagens binárias de gênero que, por sua vez, resultam em ações diferenciadas sobre o mundo. Os princípios ordenadores da economia política da prosperidade são pensados por meio da produção de três mecanismos reguladores de produção

de família: (i) a esterilização masculina (pela tomada de consciência de que o esperma gera população); (ii) o aborto induzido (pela tomada de consciência de que a gravidez não é um projeto divino); (iii) e a adoção (pela tomada de consciência de que a sobrevivência da família depende de um exercício de controle das relações de alteridade).

Numa das sessões da palestra direcionada para pais e filhos, realizada em 2016, no Templo de Salomão, Macedo, ao falar sobre alguns dos princípios da fé inteligente, disse o seguinte:

Quem é inteligente não terá filhos

“Um conselho que eu dou pra vocês, não tenham filhos, não tenham filhos, porque esse mundo não está em condições de receber novas crianças, e você sabe que isso é verdadeiro. Você que engravida hoje, você pode ter certeza, você vai gemer, e ninguém poderá apartar seu sofrimento, não importa se você tem condições econômicas, não importa se você vai viver na Suíça, não tem lugar nenhum onde há segurança. Você está nos Estados Unidos e entram matando, vimos o ocorrido na boate, mais de 100 homossexuais morreram. No shopping alguém entra atirando, então, não há segurança em lugar nenhum nesse mundo, estamos vivendo numa sociedade corrupta, podre, nojenta, injusta, estamos vivendo na Sodoma e Gomorra, e quem é inteligente não tem filho, quem é inteligente não tem filho! Se você não gosta ou não concorda com o que eu falo, paciência...”⁶

Na retórica de Macedo, é possível perceber a produção de um saber atrelado a uma biopolítica, pois, segundo essa lógica, é preciso controlar o nascimento para poder controlar a morte. Outra noção importante que emerge das falas de Macedo e de outras lideranças da IURD é a dimensão ambivalente da prosperidade, que, ao mesmo tempo, precisa ser pensada enquanto uma gestão coletiva, e apreendida como uma ação individual. A construção política da prosperidade como uma condição comum, exige intervenções reguladoras de ações que produzam resultados mais coletivos. A produção de tecnologias para o controle do nascimento baseadas num conceito diferenciador das relações de gênero permite que a concepção da prosperidade como condição comum seja acionada mediante a formulação de uma masculinidade que precisa se distanciar da necessidade de geração de uma prole consanguínea, e de uma feminilidade que precisa se distanciar do exercício da maternidade.

Numa das aulas do curso *O sexo num Casamento Blindado*, ministrado por Cristiane e Renato Cardoso, ao se discutir sobre os métodos contraceptivos

mais comuns, apresentando por meio de estudos médicos a porcentagem de eficácia de cada um deles, Renato faz uma defesa da vasectomia dizendo se tratar de uma escolha que deve ser orientada por Deus, um sacrifício em prol do Reino de Deus, isso porque um homem pode gerar um filho toda vez que tiver uma relação sexual, se a relação ocorrer com outra mulher, esse potencial reprodutor da masculinidade “*constrói o caos na humanidade, crianças e adolescentes abandonados que acabam cooptados pela criminalidade, tudo porque o homem não tem consciência de que sempre que transa pode gerar um filho e foge da sua responsabilidade de pai*”⁷.

Num exercício anacrônico que foi trazido para a aula em tom de brincadeira, para ilustrar a diferença que o procedimento de vasectomia teria feito em outros tempos, Renato Cardoso apresenta a descrição de um abade português que vivia no Brasil, no século XVII, e que foi condenado a voltar para Portugal para cumprir sua pena de morte por praticar estupro e incesto.

Francisco da Costa, prior de Trancoso, de idade de sessenta e dois anos, será degredado de suas ordens e arrastado pelas ruas públicas nos rabos dos cavalos, esquartejado o seu corpo e postos os quartos, cabeça e mãos em diferentes distritos, pelo crime que foi arguido e que ele mesmo não contrariou, sendo acusado de ter estuprado vinte e nove afilhadas e tendo delas noventa e sete filhas e trinta e sete filhos; de cinco irmãs teve dezoito filhas; de nove comadres trinta e oito filhos e dezoito filhas; de sete amas teve vinte e nove filhos e cinco filhas; de duas escravas teve vinte e um filhos e sete filhas; dormiu com uma tia, chamada Ana da Cunha, de quem teve três filhas, da própria mãe teve dois filhos.

*Total: duzentos e noventa e nove filhos, sendo duzentos e catorze do sexo feminino e oitenta e cinco do sexo masculino, tendo concebido em cinquenta e três mulheres. El-Rei D. João II lhe perdoou a morte e o mandou pôr em liberdade aos dezessete dias do mês de março de 1687, com o fundamento de estar ele cumprindo o mandamento bíblico da multiplicação, ajudando a povoar aquela região tão despovoada ao tempo, e mandou arquivar os papéis da condenação*⁸.

Renato Cardoso comenta a ilustração, dizendo que muitos problemas teriam sido evitados no Brasil se o país não tivesse um histórico de uma superpopulação

8 O trecho foi extraído do seguinte documento: Sentença proferida em 1587 no processo contra o Prior de Trancoso (Arquivo nacional da Torre do Tombo, Armário 5, Maço 7). Citado por HESPANHA, António Manuel. Caleidoscópio do Antigo Regime... p. 152).

que cresceu desordenadamente sem nenhum planejamento, espalhando a pobreza e a desigualdade. Para fechar seu argumento, o bispo repete novamente o número de filhos gerado pelo abade, concluindo que não acredita que aquelas pessoas foram geradas pela vontade de Deus, mas, sim, pela irresponsabilidade do abade, e reitera, “não somos gerados porque Deus quer, mas se continuamos vivendo certamente é porque ele permitiu”.

Pensar o homem como um obstáculo à construção da prosperidade como condição comum, e, conseqüentemente, colocar a vasectomia como princípio ordenador da economia política da prosperidade inverte a ação masculina sobre o mundo, que deixa de ser uma ação reprodutora para se tornar uma ação controladora. Esse controle passa a ser circunscrito em um corpo por um exercício de tomada de consciência de uma natureza que carece de uma intervenção individual. Tais tecnologias reguladoras não paralisam ou alienam a ação dos sujeitos, ao contrário, elas suscitam a produção de um sujeito que se pensa enquanto alguém que possui o controle de si, e que, sob essa justificativa, passa a agir a partir da regra, seja para se sujeitar, seja para resistir.

Passo agora a narrar alguns relatos de ex-pastores da Igreja Universal que abriram processos trabalhistas contra a IURD, considerando a vasectomia uma lesão trabalhista de caráter irreversível por comprometer sua natureza masculina.

Alguns relatos...

Em junho de 2016, Gonçalo Alves Neto, pastor da Igreja Universal na região de São Miguel Paulista, localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo, foi assassinado após sofrer um assalto. Gonçalo carregava consigo as ofertas que havia recebido no culto ocorrido horas antes do assalto, sendo a quantia de 800 reais tirada das mãos de sua esposa que o acompanhava no carro. O caso foi extensamente noticiado pela imprensa, que especulou, dentre outras coisas, para onde Gonçalo estaria levando o dinheiro. Há um circuito interno de circulação dos dízimos e ofertas no qual todo o valor arrecadado nas comunidades e bairros devem ser levados até as sedes regionais – que, no caso da cidade de São Paulo, corresponde às grandes Catedrais localizadas nas regiões sul, leste e oeste da cidade –, e que, por sua vez, precisam ser redirecionadas para as sedes estaduais. No estado de São Paulo, desde o ano de 2014, a sede estadual tornou-se o Templo de Salomão, que também é a sede nacional da igreja.

Para além das especulações acerca do destino que o pastor empregaria ao dinheiro das ofertas, outra informação que chamou a atenção de parte da imprensa foi a divulgação, não autorizada pela igreja, do registro cadastral

pastoral de Gonçalo. Nele, além de constar suas informações pessoais, marcações sobre os locais onde ele já havia atuado como pastor, seu tempo de serviço na instituição e sua qualificação, havia também no cabeçalho do formulário, bem ao lado das informações sobre seu estado civil, a palavra *vasectomizado*. A afirmação, num documento institucional, de que Gonçalo havia se submetido a uma cirurgia de vasectomia parecia corroborar inúmeras especulações e afirmações divulgadas em *blogs* de pessoas contrárias à IURD, que afirmam que tal procedimento é obrigatório a homens que querem constituir uma carreira eclesíastica. Nesse mesmo ano do assassinato de Gonçalo, o Ministério Público do Trabalho (MPT) da cidade de Osasco abriu uma investigação para apurar denúncias registradas pela Justiça do Trabalho de que a IURD exigia e coibia seus pastores e bispos a realizarem a vasectomia sob a possibilidade de promoção e visibilidade junto à Igreja.

A investigação do MPT da cidade de Osasco começou após o Tribunal Superior do Trabalho (TST) dar ganho de causa a Daniel¹⁰, ex-pastor da IURD que, desde 1999, movia uma ação na qual afirmava ter sido coagido, aos 18 anos de idade, a se submeter a um procedimento cirúrgico de vasectomia após a apresentação de um plano de carreira que o colocaria na posição mais alta da hierarquia eclesíastica, ser bispo. O Tribunal Superior do Trabalho autou a Igreja a pagar uma indenização de 100 mil reais a Daniel. A consulta aos autos do processo permitiu o acesso à decisão, homologada pela desembargadora Sueli El Gil Rafiri, que listou um conjunto de requisitos que caracterizam a responsabilidade civil da IURD nesse caso; dentre eles, está o fato de uma relação de fé se configurar como relação trabalhista. Outro ponto destacado pela desembargadora é o fato de a Igreja estar numa posição de empregadora, colocando-a numa relação hierárquica desigual com Daniel, que desempenhava a função de empregado da instituição.

Ainda, da análise das declarações colhidas em audiência de fls. 320/3, verifica-se que as negociações foram além de uma mera expectativa, gerando, ao reclamante, a certeza do efetivo exercício do Ministério no cargo de “Bispo”, sendo sua frustração irrefutável a afronta aos princípios da boa-fé e da lealdade que devem nortear todos os contratos (art. 422, do Código Civil), por exigir sacrifício desvinculado da profissionalidade, a saber: (...) A conduta da ré foi altamente reprovável e lesiva ao trabalhador/obreiro e, a mera exigência de vasectomia, por si só, acarreta o direito à indenização por dano moral., e o dano mais se estende quando se verifica que a vasectomia foi consumada, e ainda projetou danos na esfera familiar do trabalhador e imprimiu-lhe a

*perda da chance de ter filhos. O reclamante, efetivamente, sofreu lesão, por conseguinte, devida é a reparação moral*⁹

A estipulação do valor de 100 mil reais foi justificada pelos ministros da Quarta Vara do Tribunal que ressaltaram a gravidade da lesão provocada no corpo do ex-pastor, “o impedindo de exercer sua natureza¹²”, algo que causou em Daniel profundo sofrimento, impedindo-o de ser pai. O cálculo também contemplou a irreversibilidade da situação, uma vez que o procedimento havia sido realizado há mais de dez anos.

*“A gravidade da lesão cometida contra esse empregado e a discriminação sofrida a pretexto da promessa de uma ascensão religiosa rigorosamente impostam uma indenização em valor muito superior à que foi imposta no acordum regional*¹⁰

Daniel faz questão de não se tornar apenas estatística em meio ao contingente de pessoas que move processos contra a IURD e que consegue vencer uma disputa jurídica de mais de doze anos. Ele faz questão de relatar sua história, e de se posicionar como um homem cujo direito à família foi alienado num momento da vida em que ele não se sentia em condições de discernir sobre suas escolhas. Ele se reconhece como um homem que foi esterilizado e que encontra dificuldades para se relacionar e se casar por conta disso.

Sua história de conversão começa no início da década de 1990, quando, com apenas treze anos de idade, Daniel começou a frequentar um templo da Igreja Universal, na cidade de Carapicuíba, cidade da Região Metropolitana de São Paulo. Filho de pais separados, e quase sem contato algum com o pai, ele começou a frequentar os encontros da Força Jovem Universal, foi batizado no Espírito Santo e, com apenas sete meses de conversão, tornou-se obreiro. Aos quinze anos, iniciou sua preparação para exercer a função de pastor, algo que começou a exercer aos dezessete anos. Segundo seu relato, foi com pretensões de se tornar pastor de um templo maior e chegar a ser promovido como bispo que aceitou a se submeter à cirurgia de vasectomia. Ele estava noivo da filha de um pastor de Jundiaí, casou-se com ela seis meses após a cirurgia, atuou como pastor por 12 anos, aos trinta, logo após enfrentar um divórcio, decidiu romper com a igreja. Ele acredita que seu casamento não aguentou sua esterilidade, pois, por mais que sua ex-esposa dissesse o contrário, ela sonhava ter filhos.

9 PROCESSO Nº TST-AIRR-33-81.2010.5.02.0511

10 PROCESSO Nº TST-AIRR-33-81.2010.5.02.0511

Por intermédio do contato com Daniel, conheci Marcelo, que foi pastor da Igreja Universal por 12 anos. Ele contou que chegou à Universal em 1988, quando tinha 16 anos, em 2000, foi chamado pelo Bispo Romualdo, que o pediu para fazer a cirurgia de vasectomia, alegando que, com a cirurgia, Marcelo certamente seria promovido para pastorear igrejas maiores, podendo chegar a ser bispo. Em poucos minutos de conversa, acertou-se o endereço e o local onde a cirurgia ocorreria. Marcelo relatou que as cirurgias ocorriam sempre numa clínica particular chamada DeoMater, situada na Avenida do Mar, na cidade de São Bernardo do Campo. No dia da sua cirurgia, havia outros quinze pastores à espera de atendimento, em um pouco mais de uma hora, ele foi atendido. Na época, ele era casado e não tinha filhos, Marcelo também atribui a vasectomia como causa do seu divórcio.

O terceiro entrevistado foi Sergio, primo de Marcelo, que também desistiu de exercer função pastoral na IURD e resolveu abrir sua própria igreja, um ministério ainda pequeno, na região metropolitana de São Paulo. Sergio relata que, logo após se casar, mesmo seguindo com sua esposa as recomendações referentes ao uso de anticoncepcional, ela engravidou “deve ter dado aquela esquecida, aí, pimba...” – comenta. Após o nascimento da sua primeira filha, ele foi chamado para uma reunião com o responsável pela Sede Estadual, Bispo Romualdo, que tentou convencê-lo a se submeter ao procedimento cirúrgico para a vasectomia. Ele pediu um tempo para pensar, chegou em casa e sua esposa chorou muito porque sonhava em ter mais filhos; o sofrimento dela o fez decidir não se esterilizar. Ao comunicar sua decisão ao bispo Romualdo, teve que assinar uma declaração na qual dizia que não seria vasectomizado. O documento tinha validade de dois anos e, após esse período, ele seria consultado novamente e poderia mudar sua decisão.

Sérgio afirma que o intuito da igreja com a vasectomia é aumentar o desempenho dos pastores nas igrejas; quem resiste à cirurgia, como ele fez, é pressionado até sair da igreja. A pressão se dá por meio de uma política de transferências constantes de cidade e de templo, colocando o pastor em igrejas menores, mesmo que seu desempenho e avaliações sejam satisfatórias. Sérgio contou também sobre um pastor que não era bispo ainda, mas que era seu superior e que o perseguia quando soube da primeira gravidez da sua esposa, solicitando sua transferência de igreja ao alegar que ele não daria conta do trabalho pastoral que aquela igreja exigia. Quando chegava na igreja com sua esposa e sua filha ainda bebê, Sérgio era questionado pelas lideranças locais, que diziam que, com um bebê pequeno, ele não conseguiria pastorear, sendo melhor mudar sua função. Sergio ficou como pastor na IURD por apenas seis anos, quando

decidiu sair e abrir sua própria igreja; hoje tem duas filhas e se diz muito feliz, e acredita que se tivesse cedido à pressão e feito a cirurgia, também teria perdido sua esposa, como ocorreu com seu primo.

O quarto e último entrevistado foi Leandro, que chegou na Igreja Universal com 22 anos, após enfrentar um processo árduo de libertação de sua dependência química por intermédio de projeto da Força Jovem. Conheceu sua esposa, que era filha de um pastor de outra igreja, e, após se casarem, ambos viraram obreiros, tinham emprego mas sonhavam com a possibilidade de servir no altar. Dois anos após o casamento, ele recebeu o convite para se tornar pastor. Para servir no altar, o casal precisa mostrar que seu sustento dependerá exclusivamente da igreja, logo, é preciso ter a cópia da carteira de trabalho com as comprovações da demissão, mudar-se para a casa pastoral, que é equipada com móveis que são da igreja. Leandro relatou que começou como pastor auxiliar em pequenas igrejas, mas, como teve bom desempenho, em apenas um ano se tornou responsável por uma igreja. Nesse momento, veio a cobrança para fazer a vasectomia e, após conversa com sua esposa, Leandro decidiu assinar a declaração de que não faria a cirurgia. Meses depois, passou a ser transferido de um local para o outro, até ser enviado para um templo localizado numa região na qual a arrecadação de ofertas era mais difícil. Ele diz: *“fiz a preparação da fogueira Santa, depois fiz o jejum dos impossíveis e a terapia do amor que também acontecia de sábado, mas não teve jeito, a consagração do dizimista foi ruim”*. O rendimento ruim fez com que Leandro e sua esposa fossem transferidos para Curitiba, para uma igreja pequena. Lá não conseguiu se adaptar ao clima, e começou a baixar seu rendimento e a ir mal nas avaliações psicológicas. Ao final de dois meses, ele e a esposa foram demitidos. Ele acredita que tudo aconteceu porque se recusou a fazer a vasectomia.

Os quatro entrevistados fazem parte de um grupo organizado de ex-pastores da Igreja Universal, que acolhe e auxilia quem deseja abrir processo trabalhista contra a igreja. Fundado em 2000, o grupo não tem sede própria, mas tem um advogado especializado em leis trabalhistas que representa a todos os requerentes. Atualmente, o grupo reúne 21 ex-pastores e 2 ex-bispos. Todos vivem na região metropolitana da cidade de São Paulo, e o tempo de atuação pastoral desses homens varia entre 2 e 15 anos. Até agora, apenas Daniel teve seu caso encerrado.

Entre os entrevistados que optaram pela vasectomia, um discurso comum é atribuir a vasectomia à causalidade do divórcio e à insatisfação com a vida. Da mesma maneira, entre os entrevistados que não aceitaram fazer a vasectomia, há um discurso que também reconhece o procedimento cirúrgico como um

problema, culminando em suas demissões; a recusa em passar pelo procedimento os garantiu a manutenção do casamento e da família. Outro ponto comum nos relatos é que o desejo por filhos sempre vinha da esposa, sendo que optar pela não esterilização era uma forma de respeitar o desejo delas. Como aparece na fala de Sergio, por exemplo:

“[...]por mim, eu aceitava fácil até não ter filhos, mas esse era o grande sonho da vida da minha mulher, sabe como é? Mulher sempre quer ser mãe [...] a gente nem taria casado se eu tivesse feito a cirurgia, mas aí fica a questão, ou você opta pelo trabalho, ou você escolhe ter família”

Uma concepção de natureza como princípio ordenador da diferenciação de gêneros também é acionada nos relatos. Segundo a percepção dos entrevistados, a vasectomia fere a natureza masculina, como explica Daniel:

Depois que fiz a vasectomia eu me senti incompleto, até acho que me senti menos homem, tipo, uma impotência, sabe? Isso...é isso...me senti menos homem, aí eu não procurava mais minha esposa, e ela também deixou de gostar de mim...acho que foi por causa disso aí que eu te disse, essa coisa de ser um homem pela metade [...] eu tive depressão profunda quando saí da igreja, porque eu nunca mais ia conseguir ser de novo aquela pessoa que eu fui.

Ao serem indagados se queriam ter filhos na época em que atuavam como sacerdotes da IURD e de como lidam com essa questão atualmente, Daniel e Marcelo deram respostas bem semelhantes, ambos não pensavam em ter filhos na época.

Daniel ainda era muito jovem e acredita que sua idade na época o impedia de avaliar melhor sua decisão, mas hoje pensa diferente, hoje certamente teria filhos, mesmo porque essa é uma exigência da maioria das mulheres. Marcelo disse que não saberia afirmar se teria ou não filhos caso pudesse, mas talvez continuaria optando por não ter filhos, a questão, porém, é que ele nem pode mais cogitar essa possibilidade; a vasectomia o tornou menos homem.

Bourdieu, em *A dominação masculina* (1998), ao constituir uma análise etnográfica acerca da posição sexual ocupada pelos homens na sociedade Cabila, desenvolve a noção de dominação masculina como sendo uma forma *sui generis* de violência simbólica, uma forma de poder que impõe sobre os corpos um conjunto de disposições de ação orientado para a produção de uma desigualdade, força e violência, e que ocorre mediante a um processo histórico que acaba por dissimular a própria violência. Para Bourdieu, “O corpo biológico socialmente

modelado é um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais (Bourdieu, 1998: 156).

Os sentidos de masculinidade que a prática da vasectomia faz circular operam sob uma concepção de natureza que precisa ser controlada, interferida, gerida. A importância da vasectomia na gestão da vida aparece em vários relatos de bispos que ocupam as posições centrais de poder na IURD. Júlio Freitas, genitor de Edir Macedo, ao narrar sobre a adoção dos filhos, anos antes de adotá-los, quando tinha apenas 21 anos, decidiu-se pelo sacrifício da vasectomia. Isso porque, diante de Deus, queria demonstrar que estava no controle da sua própria natureza e que também estava disposto a consagrá-la para se entregar ainda mais à missão para a qual Deus o havia chamado¹⁸.

Renato Cardoso também relata que optou pela vasectomia muito jovem, em idade que nenhum especialista ou urologista recomendaria, por se tratar de uma decisão difícil que, mesmo com grandes chances de reversão, pode comprometer bastante a ocorrência de gravidez por intercurso sexual. Mas nunca se arrependeu de sua decisão, sempre se sentiu completo em seu casamento, e em seu trabalho. Quando decidiu, juntamente com Cristiane, que era o momento de a família ter um filho, eles optaram pela adoção.

Pelos relatos de bispos, como Romualdo Panciera, Renato Cardoso, Júlio Freitas e Celso Junior, é possível afirmar que as discussões sobre a importância da vasectomia como método contraceptivo e, uma política mais profícua de esterilização de bispos, e conseqüentemente, de pastores, consolidaram-se na Igreja Universal em meados da década de 90, período de franca expansão da igreja, tanto em território nacional como em âmbito internacional. A vasectomia também é uma questão tratada entre os homens, pastores e frequentadores em outros países, principalmente, no continente africano.

Performatividade e sujeito de gênero enquanto ato de verdade

Para pensar gênero como performatividade, Judith Butler traz o conceito de *regime de verdade*. Sua proposta de inspiração foucaultiana consiste em constituir uma genealogia sobre o modo como a categoria *gênero* foi sendo produzida por autoras feministas da década de sessenta e setenta como uma ontologia, uma identidade pré-discursiva (Butler, 2010: 27).

Regime de verdade é um conceito utilizado por Foucault para dispor sobre um conjunto de procedimentos que produzem os sujeitos que passam a se

pensar e a pensar o mundo em que vivem pela premissa do que é verdadeiro. Foucault introduziu a noção de *regime de verdade* procurando compreender a maneira pela qual “a verdade está ligada circularmente a tecnologias de poder que a produzem e a sustentam” (Foucault, 2014: 112). A verdade seria, portanto, um “efeito do poder”.¹¹ A proposta de Butler consiste em pensar a categoria *gênero* – partindo do conceito de regime de verdade e da noção de enunciado performativo, de Austin (1975) – enquanto um ato de verdade. Do exercício genealógico acerca da constituição dos sujeitos, sexo e gênero emergem como efeitos de um processo no qual a ação se justifica pela busca da verdade (Butler, 2010; Salih, 2012).

Pensar gênero enquanto ato de verdade, ou seja, um efeito que é produzido durante a interação, distancia a categoria “mulher” da dimensão do “somos” para colocá-la como um efeito resultante do “fazemos”. É agindo e interagindo que os sujeitos se constituem, algo que emerge do exercício de pensar uma verdade sobre si atrelada a uma linguagem que produz uma diferenciação binária dos corpos (Salih, 2012: 22)¹².

Em seu texto *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2010), Judith Butler apresenta como argumento central a desconstrução da oposição classicamente constituída pela tradição das teorias feministas entre sexo e gênero. Para ela, tal oposição traduzia a consolidação da crença filosófica ocidental na existência metafísica de essências e substâncias; pensar gênero nessa tradição seria pensar na essência de um sujeito a despeito do campo de determinações biológicas impostas pelo sexo. Se a distinção entre sexo e gênero não existe de fato, a concepção moderna de essência dos sujeitos também não se sustenta. Aceitar o sexo como algo biologicamente dado e o gênero como algo construído, determinado culturalmente, seria o mesmo que considerar o gênero como expressão ou representação de um ser substanciado na identidade de um sujeito.

O gênero consiste, portanto, numa *performatividade*, uma ação, uma encenação, uma repetição, algo que se adapta a qualquer corpo, e que constitui os modos práticos para se habitar um corpo. Tal perspectiva distancia Butler

11 Em *Governo dos vivos* (2014), Foucault dá seguimento à história dos “regimes de verdade”, trazendo uma inflexão genealógica das disposições do governo e da obediência produzidas pelas tecnologias cristãs de gestão dos corpos.

12 Em “(Re)criando a categoria mulher?”, Adriana Piscitelli apresenta uma pequena historiografia das escolas teóricas feministas que fundamentam suas teorias a partir do uso da categoria “Mulher”. Ver mais em: PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos*. Campinas, IFCH/Unicamp, n. 48, 2002, pp. 7-42.

das concepções mais ontológicas, cujo suposto é que um determinado corpo que existe tem como condição de existência um gênero específico que se baseia numa verdade biológica. Ela propõe, assim, uma mudança no olhar sobre o corpo e, conseqüentemente, sobre o gênero; na sua leitura, o corpo eclode como superfície politicamente regulada pela ação.

A concepção de gênero como performatividade engendra o corpo como um campo vasto de ações e atravessado por múltiplos poderes. Nesse movimento, emerge o que Butler denomina de *efeito do gênero*, processo que produz formas de estilização dos corpos e deve ser entendido, conseqüentemente, como um modo cotidiano de agir e de pensar sobre si, produzindo performances marcadas pela ideia de gênero, pensamento materializado por meio da transformação e da adequação desses corpos.

Apesar de considerar a teoria dos atos performativos de Austin uma base importante na formulação de sua teoria sobre a produção dos sujeitos, Butler ressalta que performatividade não é sinônimo de performance. O conceito de performance traz como suposto que há um performer que faz a performance, um sujeito que, mesmo sofrendo as mudanças que a cena da interação suscita, pré-existe a cena. O conceito de performatividade consiste num exercício prático de se produzir sentidos a partir da composição de cenas de interação, de modo que nada existe ou é anterior a esse processo (Butler, 2010: 233).

A performatividade se constitui num exercício constante de exterioridade. Pensar a performatividade como um exercício prático de exterioridade nos auxilia a delimitar alguns distanciamentos analíticos que o conceito vai delimitando – em relação a outras teorias que tratam dos processos de produção dos sujeitos –, na medida em que vai sendo trabalhado e definido por Butler no decorrer de sua obra. A introdução desta pesquisa apresenta alguns pontos de distanciamento entre o conceito de *habitus* de Bourdieu e o conceito de performatividade. O conceito de *habitus* supõe a produção de sentidos mediante um exercício prático e contínuo pautado em dois movimentos, “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade” (Bourdieu *apud* Ortiz, 1983: 47). O *habitus* seria, portanto, uma disposição que é incorporada mediante a exercícios de interiorização e exteriorização; a exterioridade emerge como uma espécie de efeito desse processo.

Ao pensar o conceito de *cuidado de si*, Foucault também supõe a produção dos sujeitos mediante a movimentos dinâmicos de interiorização e exteriorização constituído durante um longo processo histórico. *Cuidado de si* é trabalhado por Foucault para pensar o que ele denomina de estética da existência, que corresponde a um conjunto de técnicas corporais de dimensão individualizadora

que acabam servindo de esteio para a produção das tecnologias para a biopolítica (Foucault, 2006).

Pensar a produção de sujeitos por processos históricos de interiorização e exteriorização acaba por suscitar, em algum momento, uma pré-discursividade ao processo. Em Bourdieu, essa pré-discursividade emerge de sua utilização das noções de representação e reprodução, produzindo uma associação direta entre a estrutura e as disposições estruturantes do *habitus*. Butler chama a atenção para o risco da pré-discursividade em Foucault, ou seja, para o reconhecimento analítico de algo que existiria anterior à ação, ao discorrer sobre a leitura que Foucault faz dos diários de Herculine Babin¹³. Para ela, ler os escritos de Foucault sobre Herculine podem funcionar como uma espécie de “leitura contra-foucaultiana”, isso ocorre porque, na tentativa de romancear a sexualidade de Herculine, Foucault descreve seus impulsos sexuais como algo puro e anterior às restrições sexuais que sofreu. Ao proceder dessa maneira, Foucault acaba atribuindo ao corpo de Herculine uma condição pré-discursiva (Butler, 2010: 168).

Pensar a performatividade como um efeito que é produzido a partir de um exercício contínuo de exterioridade (e não de exteriorização), permite a Butler associar ao conceito de performatividade (no decorrer de sua trajetória analítica) uma noção de público, que é entendido por ela como interação e visibilidade. Assim, a performatividade enquanto exterioridade não consiste apenas em atos repetidos, ela consiste também em atos que são vistos (Butler, 2015: 49).

Os programas de incentivo à vasectomia, bem como o Programa *Intellimen* seriam, portanto, um espaço no qual se pratica, pensa-se e, por conseguinte, constrói-se o gênero, que, nesse contexto, emerge atrelado à noção de vida e de prosperidade. Construir-se como um sujeito de gênero é um imperativo para existir como indivíduo, algo que, no caso da IURD, emerge nas narrativas e performances que compõem a campanha “Eu sou a Universal”¹⁴. O processo de produção desse sujeito de gênero se dá por meio de seus eventos e cursos e, substancialmente, pelo uso das novas tecnologias de internet e da circulação dessa performatividade dos desafios nas redes sociais.

Portanto, a constituição do sujeito da prosperidade como efeito de gênero não acontece numa dimensão privada – permeada por um conjunto de cuidados e ritos que foram apreendidos na dinâmica da interiorização/exteriorização –, ela ocorre na medida em que cuidados e ritos são vistos, discutidos, como um efeito das cenas e aparições, em situações de assembleia (Butler, 2015).

13 Ver mais em Foucault. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

14 Disponível em: <<https://www.universal.org/eu-sou-a-universal/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Assim, a proposição desenvolvida neste texto, de que a economia política da prosperidade se constitui pela produção de um conjunto de técnicas para o governo de si, técnicas que são operadas à medida que se discute e se aprimora tecnologias gestoras de população, encontram no conceito butleriano de performatividade uma base importante para pensar o sujeito da prosperidade, que emerge permeado pelas noções de família, reprodução, gênero e casamento.

Considerações finais

O presente texto discorreu acerca da intersecção entre razão neoliberal, gênero e pedagogias pentecostais a partir de alguns projetos desenvolvidos pela Igreja Universal do Reino de Deus, voltados para o público masculino. Pensando nos artefatos de justificação da gramática capitalista (Laval e Dardot, 2016), o neoliberalismo consiste num movimento constante de produção de tecnologias de subjetivação, que colocam os sujeitos reflexivos sob o escrutínio da avaliação constante e do aprimoramento de suas condutas. Nesse sentido, é possível afirmar que a experiência neoliberal habita um corpo que vai se transformando mediante as práticas de gênero (Butler, 2018).

Com o intuito de pensar o pentecostalismo como uma tecnologia neoliberal de conformação do corpo político, descrevi duas formas de experiência de gênero e masculinidade. No primeiro caso, tratei do projeto *Intellimen* e seus desafios, pensando o modo como esse projeto produz uma intensa conexão entre masculinidade e interação, ao pensar que o verdadeiro homem precisa ter suas práticas cotidianas acompanhadas por outro homem, uma espécie de pastorado dos homens para os homens. O *Intellimen* nos permite aprofundar uma característica importante da razão neoliberal, que é constitutiva do sujeito reflexivo, a saber, sua necessidade de ter sua verdade publicizada, tornando a exterioridade das técnicas de interiorização e subjetivação, traços centrais da contemporaneidade.

A outra experiência que intersecciona gênero, pentecostalismo e razão neoliberal foi o debate sobre o papel das técnicas de controle da natalidade nos discursos das lideranças da IURD e a relação entre masculinidade verdadeira e vasectomia. Nesse ponto, trouxe a história de homens que atuavam como lideranças na Igreja Universal e que se sentiam lesados por terem passado pela vasectomia, procedimento cirúrgico que, na fala dos entrevistados, foi tido como um sacrifício em prol do sucesso da nação, considerando que colocar sobre os homens a responsabilidade de não reproduzir auxiliaria na gestão da economia. O rompimento com a função institucional fez com que os homens entrassem

com processo trabalhista contra a IURD, o que coloca a vasectomia sob outra leitura, na medida em que, na linguagem do direito trabalhista, passa a ser uma lesão trabalhista irreversível.

Pensar os modos como as masculinidades pentecostais revestem um corpo que habita às margens da estrutura neoliberal nos coloca a necessidade de pensar o lugar do corpo na produção da racionalidade neoliberal. Para tanto, trouxemos o conceito de performatividade. O conceito de performatividade é atravessado por uma ambivalência ao nos suscitar a necessidade de compreender as técnicas de exterioridade, ou seja, o que coloca a ação de determinado sujeito num regime de observação/publicização ao mesmo tempo em que sua interioridade também é reforçada? A performatividade nos permite compreender que quanto mais um corpo se reveste das técnicas de exterioridade, mais reflexivo se torna, expandindo o reconhecimento de si e de sua interioridade.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O Reino e a Glória: uma genealogia teológica da economia e do governo*. São Paulo, Boitempo, 2011, 326 p.
- AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha. Tradução de Selvino Assmann. São Paulo, Boitempo, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.
- BUTLER, Judith. Performativity's Social Magic. In: SHUSTERMAN, R. (Org.) *Bourdieu: A critical Reader*. Oxford/ Mlden, Blackwell Publishers, 1999.
- BUTLER, Judith. *Pouvoir des mots. Politique du performatif*. Paris, Editions Amsterdam, 2004.
- BUTLER, Judith. *A vida Psíquica do poder: Teorias da Sujeição*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa da assembleia*. São Paulo, Civilização Brasileira, 2018.
- CONNELL, Robert W. e MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estud. Fem.* [On-line], 2013, v. 21, n. 1.
- CORTÊS, M. A revolta dos bastardos: do Pentecostalismo ao Bolsonaroismo. *Caderno CRH*. Salvador, n. 34, 2021.
- DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo, Boitempo, 2016, 416p.
- FASSIN, Èric. Le moment néofasciste du néolibéralisme. *Mediapart*, 29 de junho de 2018. Disponível em: <<https://blogs.mediapart.fr/eric-fassin/blog/290618/le-moment-neofasciste-du-neoliberalisme>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

- FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. São Paulo, Editora Graal, 2007.
- MAFRA, Clara. The life path that makes gender: anthropological reflections based on ethnographic research among Pentecostals in Brazil and Mozambique. *Religião & Sociedade*. [On-line], 2012, v. 32, n. 2.
- LIMA, Diana. Alguns fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Mana* (UFRJ, Impresso). Rio de Janeiro, v. 16, 2010, pp. 351-374.
- LIMA, Diana. Ethos “emergente”: as pessoas, as palavras e as coisas. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, n. 28, v. 13, pp. 175-202, jul.-dez. 2007.
- PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). A prática feminista e o conceito de gênero. *Textos Didáticos*. Campinas, IFCH/Unicamp, 2002, n. 48, pp. 7-42.
- ROSAS, Nina. A Igreja Universal do Reino de Deus: ação social além-fronteiras. *Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo, n. 1, v. 52, jan. 2016, pp. 17-26.
- TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Da controvérsia às práticas: conjugalidade, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi: 10.11606/D.8.2012.tde-05032013-120422.
- TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade*. Rio de Janeiro, Mar de ideias, 2016.
- TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. A conduta universal: governo de si e políticas de gênero na Igreja Universal do Reino de Deus. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa, Fim de Século, 1995, 264 pp.

Recebido em: 13/10/2022

Aprovado em: 19/10/2022

Como citar este artigo:

- TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Masculinidade e pentecostalismo como tecnologia neoliberal. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 12, n. 3, set. – dez. 2022, pp. 743-767.